

MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE PEDAGOGIA

Jackson Cícero França Barbosa

Universidade Federal da Paraíba – jacksoncfb@id.uff.br

Resumo: A modalização em Língua portuguesa é tida como uma categoria semântico-pragmática relacionada à forma de envolvimento do enunciador com o que é dito, ou com os estados de coisas descritos (Lyons, 1977; Narrog, 2011; Palmer, 1986, 2001) e, também, do ponto de vista funcional, é tida como a “gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes” (OLIVEIRA, 2003, p. 245). Nesses termos, este trabalho investiga fenômenos acerca da produção de modalidade na escrita científica, mais especificamente nos artigos publicados em anais de eventos acadêmicos da área de pedagogia. A partir de um estudo de cunho funcionalista, verificamos as funções discursivo-funcionais que as modalidades exercem nos artigos científicos da área de Pedagogia e em que medida essas funções se relacionam com o caráter argumentativo nesse gênero; Ainda, como o *corpus* está vinculado ao discurso da academia, o trabalho também investiga, especificamente, as modalidades epistêmicas, por focalizarem questões de crenças ou conhecimento na base dos quais os falantes/escritores expressam seu julgamento sobre o estado de coisas, eventos e ações, partindo da hipótese de que as modalidades (e os modalizadores que as expressam) têm um uso argumentativo na construção do gênero artigo científico, contribuindo para o convencimento e persuasão do receptor do texto quanto às ideias expostas. Para a observação do fenômeno linguístico, recorreremos aos métodos e técnicas da sociolinguística variacionista, de origem laboviana, por garantir sistematicidade e confiabilidade à análise. Utilizaremos o pacote de programas computacionais que compõem o GOLDVARB2001 (ROBINSON e TAGLIAMONTE, 2001) que permite verificar a distribuição dos dados de acordo com cada fator e identificar os cruzamentos entre duas propriedades. No caso do analisado não se pode falar em variante linguística no seu sentido mais estrito, visto que as diversas expressões da modalidade epistêmica não podem ser consideradas formas alternantes a partir da mesma análise. Como primeiros resultados, pudemos verificar que a expressão de modalidade é bastante profícua na área investigada, com intenso uso de modalizadores como recurso de persuasão.

Palavras-chave: artigos científicos, gramaticalização, modalização.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As línguas são manifestações humanas que, no decorrer dos tempos, sofrem modificações que acarretam em seus processos de evolução, decorrentes usos que os falantes se apropriam para promoção das relações interpessoais na sociedade em se tratando de interação, considerando, também, os potenciais textos que são (co)produzidos nesses contextos onde a comunicação é o fator propulsor de sistematização linguística. Com as relações entre o usuário e a língua, muitos

pesquisadores se propuseram a compreender e descrever o funcionamento da língua através do que é produzido em situações reais de uso. A Linguística Funcional acolhe a possibilidade de que as gramáticas de línguas naturais não são estáticas, como assegura Silva (2011), e acabadas, porque se ajustam mediante à pressões internas e externas ao sistema de uso da língua. Contribui para o que aqui estamos falando as observações de Cunha (2012) ao relatar que Halliday defende uma teoria não apenas extrínseca, mas também intrínseca das funções da linguagem em que a multiplicidade funcional se reflete na organização interna da língua, ficando a serviço das variadas necessidades a que serve a língua.

Dentro de uma relação entre língua, sociedade e usos, temos os postulados alçados pela teoria funcionalista - com as contribuições de Givón (1983), Hopper (2005), Hopper e Trougott (2003), Trougott (1980), Heine (2005), entre outros - que concebe a língua como um instrumento de comunicação em constante transformação e defende que esta não pode ser considerada um objeto autônomo, mas uma estrutura submetida às pressões provenientes das situações comunicativas que exercem grande influência sobre sua estrutura linguística. Dessa maneira, a corrente linguística em relvo analisa a estrutura gramatical tendo como referência a situação comunicativa inteira: o propósito do ato de fala/produção de enunciados, seus participantes e seu contexto discursivo.

Nesse diapasão, em relevo, temos uma corrente linguística que se debruça sobre a formação das estruturas gramaticais em constante construção e transformação garantidas por desenvolvuras vivenciadas em contextos comunicativos através das ocorrências/frequências de uso de determinadas estruturas. A linguagem, nesse propósito, é tida como objeto de interação, ou seja, o aspecto social está incutido nas reflexões que enaltecem a relação entre língua e sociedade. (FURTADO DA CUNHA, 2012, p. 157)

Destarte, propomo-nos analisar os mecanismos linguísticos (perífrases verbais) usados para expressar a modalização epistêmica no gênero artigo científico acadêmico, de anais de eventos de áreas distintas, e verificar se eles constituem estratégias discursivas distintas de argumentação, à luz dos pressupostos funcionalistas.

É importante ressaltar que este artigo resulta das pesquisas em contexto de pós-graduação em linguística e que as análises têm *status* introdutório, por assim dizer. Comprometemo-nos em expandir “os olhares” em oportunidades vindouras.

1. CONCEPÇÃO DE TEXTO E DISCURSO SUBJACENTES AO FUNCIONALISMO

Texto, nesse aspecto, é tido como o *locus* da organização e manifestação empírica do discurso, atualizado na linguagem e constituindo um todo significativo (CUNHA, BISPO e SILVA, 2013, p. 19). Nesse ponto, para indiciar nossa reflexão, nos ancoramos no que defende Neves (2013, p. 26) sobre o papel de uma gramática funcional em interpretar os textos. Na verdade, estas concepções são altamente imbricadas, uma vez que a concepção de língua está intimamente atrelada à de gramática, esta, por sua vez com a noção de discurso, cujo viés pragmático é o ponto central, e, por fim, a concepção de texto está atrelada à de discurso e gramática, fazendo com que imaginemos uma relação cíclica entre os critérios conceptuais mencionados.

Ainda nessa abordagem, são consideradas as unidades de uso, tidas como “discursivo-interativas”, devendo-se dar ênfase aos elementos que compõem a estrutura do sistema linguístico, sua interpretação, a partir da materialização escrita por meio de textos/gêneros textuais.

Nessa perspectiva, os textos, também, são conhecidos como eventos interativos, sendo a gramática responsável pelo embasamento cognitivo das unidades linguísticas utilizadas pelos falantes em momentos de interação, nos termos de Beaugrande (1993).

Já que o falante, dessa forma, encontra-se em um situado contexto de produção, a sua liberdade organizacional, dentro das condições construcionais, ele processa estruturas regulares, mas é o único responsável por fazer escolhas que resultem em efeitos de sentido e pragmáticos, modalizando discursos, como estratégia para diversificados fins que atendam demandas de uso, interação, argumentatividade e discursividade.

2. MODALIZAÇÃO NA PERSPECTIVA FUNCIONAL

Segundo Oliveira (2003, p. 245), “do ponto de vista linguístico, podemos considerar que a **modalidade é a gramaticalização de atitudes e opiniões dos falantes**”¹. Em consonância com tais aspectos, apresentamos uma reflexão de Barros (2012, p. 47), que delimita a modalidade é como sendo “uma categoria semântico-pragmática relacionada à forma de envolvimento do enunciador com o que é dito, ou seja, com os estados de coisas descritos” (LYONS, 1977; NARROG, 2011; PALMER, 1986, 2001; dentre outros). Dessa forma, a partir de um critério sêmio-lexical verificado

¹ Grifo nosso.

nas abordagens de Lyons (1977), a modalidade é definida como “uma forma utilizada pelo falante para expressar sua opinião ou atitude a partir de uma proposição que a sentença expressa ou a situação que a proposição descreve”² (cf. LYONS, op. cit. p. 436).

Segundo Barros (2012, p. 49) a atitude do falante/escritor quanto ao conteúdo proposicional pode ser expressa através de diversos recursos linguísticos: verbos plenos indicadores de crença ou saber, adjetivos em posição predicativa, verbos auxiliares ou semi-auxiliares, advérbios, substantivos e, ainda, através das categorias gramaticais de tempo/aspecto/modo. A autora ainda acrescenta que

É a existência dessa diversidade de estratégias linguísticas utilizadas pelo enunciador para expressar sua atitude/avaliação em relação ao que diz, ou seja, em relação ao conteúdo proposicional do seu enunciado, que conduz Palmer (1986, p. 16) a considerar modalidade “como a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjativas) do falante.”³ (BARROS, 2012, p. 51)

De acordo com Neves (2011) conceituar modalidade é uma tarefa difícil, porque não há um consenso entre os diversos estudiosos sobre o tema. Além do mais, pode-se questionar se há enunciados não-modalizados. Segundo a autora:

pode-se dizer que, se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos da verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca. (NEVES, 2013, p. 152)

No entanto, apesar dessa complexidade, adotamos a posição de Ducrot (1993 *apud* Neves, 2013) que recorre à oposição entre objetivo e subjetivo, entre descrição das coisas e a tomada de posição a respeito dessas coisas. Para ele, “o aspecto não-modal dos enunciados viria da descrição das coisas, das informações a propósito delas, da informação objetiva, e os aspectos modais seriam os relativos às tomadas de posição, às atitudes morais, intelectuais e afetivas expressas ao longo do discurso.”

Em seu estudo, Narrog (2001), em se tratando de modalidade, primeiramente se refere às atitudes do falante, ou seja, relação ao componente subjetividade; numa outra ótica, é essa questão entendida em termos de factualidade, atualidade, ou realidade. O autor defende, com base em suas

² “A means used by a speaker to express his opinion or attitude towards the proposition that the sentence expresses or the situation that the proposition describes” (LYONS, 1977, p. 436).

³ “[...] the grammaticalization of speakers (subjective) attitudes and opinions.” (PALMER, 1986, p. 16).

pesquisas, que a primeira abordagem não é muito significativa, porque os atos dos falantes, especialmente na língua falada, são expressos, no âmbito da sentença, através de uma grande variedade de categorias gramaticais e lexicais⁴ (cf. NARROG, 2011, p. 05).

2.1. Modalização epistêmica

A modalidade epistêmica (e os modalizadores que as expressam) têm um uso argumentativo na construção dos artigos acadêmicos, contribuindo para o convencimento e persuasão do receptor do texto quanto às ideias propostas. Acredita-se, também, que cada área disciplinar apresente especificidades de usos em relação aos mecanismos linguísticos usados na elaboração de textos científicos. (NEVES, 2013; PALMER, 1986; LYONS, 1977)

Dessa forma, busca-se identificar, no discurso escrito, os diversos mecanismos de expressão da modalidade epistêmica e buscaremos compreender os seus condicionamentos contextuais e os seus propósitos comunicativos. Operacionalizaremos as funções, na medida em que as consideramos grupos de fatores em níveis mais amplos, ou nos termos de Givón (1983) "domínios funcionais". Dessa forma, nos debruçaremos sobre as ocorrências de modalizações epistêmicas no corpus (Artigos científico publicados em anais de eventos da área de pedagogia) a ser analisado.

Nessa perspectiva, alguns estudos vêm demonstrando que há uma correlação entre estratégias de modalidade, estrutura do artigo acadêmico e área disciplinar. O trabalho de Ferrari (op.cit.) compara a modalidade epistêmica em artigos acadêmicos das áreas de medicina e linguística. A autora mostra que os artigos de medicina apresentam uma ampla preferência ao uso da terceira pessoa e de um recurso enunciativo mais objetivo, o que faz perceber que os autores não procuram transparecer verdades como absolutas. No léxico é perceptível o alto uso de verbos epistêmicos evidenciais que indicam um tipo de texto de evidências diretas e objetivas. Já os artigos de linguística apresentam verbos epistêmicos de julgamento em sua maioria. Isso se dá pelo fato de que o grau de certeza da verdade do que é proposto baseia-se nas inferências ou suposições dos autores. A autora conclui que pode haver, em artigos acadêmicos de diferentes campos, divergências significativas quanto à modalidade epistêmica.

⁴ In current linguistics, there are two major approaches to the definition of the modality. One is in term of 'speaker attitudes' or 'subjectivity', and the other in terms of the 'factuality', actuality', or 'reality'. As I have argued at length elsewhere, the first approach is not very meaningful because speakers attitudes, especially in spoken language, are expressed throughout the sentence through a great variety of grammatical and lexical categories. (NARROG, 2011, p. 05)

2.2. Modalização no gênero acadêmico

A modalidade tem sido estudada em diversos gêneros textuais, principalmente, da esfera jornalística (editoriais e artigo de opinião) e jurídica. No entanto, podemos perceber, nas duas últimas décadas, trabalhos voltados para gêneros da área acadêmica, principalmente, o artigo acadêmico. Segundo Motta-Roch e Hedges, o artigo é um texto "produzido com o objetivo de publicar, em periódicos especializados, os resultados de uma pesquisa desenvolvida sobre um tema específico." (MOTTA-ROCH e HENDGES, 2010, p. 65) Ainda segundo as autoras, cada área de conhecimento determina o modo como a pesquisa será desenvolvida e, por conseguinte, a configuração final do artigo que reportará a pesquisa.

Se o propósito comunicativo é o fator que molda o gênero (SWALES, 1990), determinando sua estrutura interna e impondo limites quanto às possibilidades de ocorrências linguísticas e retóricas, consideramos, pois, que o artigo científico é o instrumento capaz de encontrar todas as realizações anunciadas nesta proposta de pesquisa, uma vez que determinado gênero textual traz consigo uma infinidade de realizações linguísticas passíveis de análise, principalmente porque não segue um critério rigoroso em relação à sua elaboração e não são realizadas, de forma obrigatória, revisões restritamente pautadas no padrão formal da língua. Essas realizações são demonstradas ao longo das proposições elencadas na composição do texto, e são tidas, segundo Narrog (2011), como realizações factuais escritas.

Assim, vê-se que o objetivo principal de um artigo é divulgar os resultados de uma pesquisa. Para que essa informação circule e tenha credibilidade, o leitor precisa ser convencido da validade dos resultados apresentados. Para demonstrar isso, "o autor descreve o estudo, expõe e avalia seus resultados, conclui e argumenta, utilizando as convenções próprias àquela área. Cada área tem uma cultura própria que se traduz em um objeto de estudo próprio."(Idem, p. 68) Nesse sentido, o bom uso de estratégias argumentativas é fundamental para alcançar esse propósito comunicativo, principalmente, a utilização de mecanismos linguísticos que expressem modalidade. Segundo Ferrari (2003, p. 02) "os textos acadêmicos não são menos subjetivos que outros textos, eles apenas utilizam-se de estratégias para esconder a subjetividade."

Ainda no âmbito da escrita acadêmica, o trabalho de Andrade (2010) investiga a modalidade em artigos da área de linguística e verifica que há regularidades entre tipos de modalidade e

superestrutura deste gênero. A autora confirma a hipótese de que as modalidades epistêmicas e aléticas são predominantes neste tipo de gênero.

Assim, esses trabalhos mostram que o artigo acadêmico, mesmo sendo, em tese, um texto em que prevalecem a objetividade e a imparcialidade, é modalizado em toda a sua superestrutura de acordo com a intenção do autor.

RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para a análise quantitativa, recorreremos aos métodos e técnicas da sociolinguística variacionista, de origem laboviana, por garantir sistematicidade e confiabilidade à análise. Interessou-nos depreender as propriedades morfossintáticas e semântico-discursivas dos elementos linguísticos que expressam a modalidade epistêmica presente na escrita acadêmica bem como seu contexto de ocorrência e sua função discursiva. Utilizamos, para isso, o pacote de programas computacionais que compõem o GOLDVARB2001 (ROBINSON e TAGLIAMONTE, 2001) que permite verificar a distribuição dos dados de acordo com cada fator e identificar os cruzamentos entre duas propriedades. Salientamos, no entanto, que as noções como “variável”, “variante” e de “grupos de fatores” não foram empregadas em sua acepção restrita.

Para atestar a produtividade da modalidade epistêmica no gênero artigo científico, debruçamo-nos, também, na observância de outras categorias (ou domínios) de modalidade mais comum em abordagens existentes. Os números, como contam na primeira tabela, mostra que o tratamento epistêmico, no contexto mencionado, traduz-se como uma estratégia recorrida aos usuários, no sentido da veiculação discursiva na defesa de um produto com viés científico.

Tabela 01: Distribuição dos tipos de modalidade em artigos nas áreas de Pedagogia.

Fonte: Elaboração própria, 2017.

Área	Epistêmica	Deontica	Alética	Total
Pedagogia	443/620 (72%)	35/620 (6%)	142/620 (22%)	620/811 (76%)

Ainda, no enquadramento dos elementos linguísticos mobilizados para expressar modalidade, verificamos que o verbo “poder”, nas perífrases onde é acionado, havendo um número significativo de ocorrências, merecendo uma investigação mais acurada, já que a hipótese de que

este se enquadra dentro das trajetórias estáveis (e subjetivas) de abstração do sentido (FERREIRA, 2015, p. 68).

Abaixo, selecionamos alguns exemplos que revelam a especialização de alguns recursos linguísticos para estratégias de modalidade. O modal “poder” aparece em mais de uma ocorrência na ilustração (que também explora outras perspectivas), entretanto, no corpus, revela-se bastante ocorrente, produtivo.

1)

Neste artigo apresentamos as contribuições dos jogos, brinquedos e brincadeiras como *possível*^{a)} recurso para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, uma vez que *acreditamos*^{b)} que eles *podem*^{c)} *ajudar*^{c/d)} o indivíduo a se desenvolver enquanto ser criativo e participante da sociedade, favorecendo o raciocínio, as condutas estéticas, entre outros. (ePI- 1;2;6)

2)

Tendo em vista estas características *podemos*^{e)} entender que o jogo dá liberdade e alivia a tensão de seus participantes, possibilitando uma “viagem” a um mundo de representação fazendo com que as pessoas fixem a atenção nas atividades previstas. (ePD#)

Os exemplos ilustram a intenção do usuário, produtor do artigo científico, na promoção de um discurso vinculado à sua área, em contexto de produção científica. Os elementos linguísticos não devem ser analisados dissociados dos demais que surgem na íntegra textual. Verificando em 1), encontramos ocorrências de modalidade em a), b), c) e cd). Esta última caracteriza uma perífrase, onde os elementos devem ser refletivos conjuntamente, de preferência.

Em a) temos a modalidade possibilitada por adjetivo; em b) e c) termos verbos no presente do indicativo que são responsáveis pela modalização nesse contexto; em c/d) temos locução verbal com verbo poder, que em geral, nos dados de *corpora*, representa 142 ocorrências dentro das 443 perífrases marcadas no *corpus*.

Em 2), verificamos a modalidade epistêmica demarcada pela utilização do gerúndio. Nesse caso, ainda identificamos a ocorrência de perífrase que possibilita maior demarcação na verificação pontual da intenção discursiva. Se por acaso a forma verbal não estivesse mobilizada na locução, a

indeterminação, possibilitada pela terceira pessoa, modificaria o nível de compreensão da atitude ilocucionária – epistêmica.

Os recursos linguísticos utilizados na modalização passam pela trajetória no *continuun* que verifica sua trajetória num *cline* onde a passagem de suas habilidades se dá de forma + concretas > concreto > - concreto + abstrato. No desenvolvimento de outros trabalhos que complementam essa análise, estas questões viram de formas mais detalhadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar a expressão de modalidade nos artigos acadêmicos, pudemos verificar que sua ocorrência é bastante profícua na área investigada, que parece usar com mais intensidade esse recurso de persuasão, demonstrando uma maior necessidade de conseguir a adesão de sua comunidade acadêmica.

Percebemos, nos artigos científicos, que **há regularidade de uso da modalidade epistêmica**. Ao propor sua análise, na parte do desenvolvimento da superestrutura do artigo científico, a intenção do autor é comprovar a veracidade de sua pesquisa, e assim reveste-se de autoridade. Para tanto, utiliza da certeza (modalidade epistêmica) em grande porcentagem, e ao mesmo tempo, em uma atitude estratégica, deixa transparecer a dúvida, por meio dos advérbios modalizadores e das modalidades epistêmicas de certeza combinadas às aléticas de possibilidade, a fim de ganhar a adesão do leitor em relação àquilo que diz. Além disso, ressalta o que julga fundamental comprometendo-se por meio de advérbios e também ao dar relevo a determinadas ideias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. A. B. *Modalização em artigos científicos da área da linguística*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2010.

BARROS, Elzimar de C. M. *Construções modais com “ter”*: gramaticalização e variação. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 2012.

BEAUGRANDE, R. A. *Introduction to the study of text and discourse*. Wien: Universitäts Verlag, 1993.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 157-176.

_____. BISPO, Edvaldo Balduino. SILVA, José Romerito. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In CESÁRIO, Maria Maura. CUNHA, Maria Angélica Furtado da. *Linguística centrada no uso*. Rio de Janeiro : Mauad X; FAPERJ, 2013.

FERRARI, LÍlian Vieira. *Modalidade e condicionalidade no português do Brasil*. In: R.V. Castro & P. Barbosa (eds.). *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2000. p. 459-476.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIVÓN, Talmy. Historical syntax and synchronic morphology; an archaeologist's field trip. *CLS* v. 7, p. 394-415.

_____. *On understanding grammar*. New York: Academic Press, 1979.

_____. *Topic continuity in discourse: a quantitative cross-linguistic study*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

_____. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1984. v. I.

_____. Serial verbs and the mental reality of "event": grammatical vs. cognitive packaging. In: TRAUGOTT, E. HEINE, B. (eds.) *Approaches to gramaticalization* v. 1, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 81-127.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. *Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2002.

_____. (etti alli). Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião L. LIMA-HERNANDES, Mária Célia. CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (org.) . *Introdução à gramaticalização: em homenagem à Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 15-66.

HEINE, Bernard. CLAUDI, Ulrike. HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*, Chicago : The University of Chicago Press, 1991.

HOFFNAGEL, Judith Chambliss. Modalidade em língua portuguesa. In : _____. *Temas em antropologia e linguística*. Recife : Bagaço, 2010. p. 209-235.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge ; Cambridge University Press, 2005.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press,

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. v. 2.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. Unidirecionalidade na gramaticalização. In: VITRAL, Lorenzo. COELHO, Sueli. *Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, p. 139-171.

_____. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. KENEDY, Eduardo. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica F. da. OLIVEIRA, Mariangela Rios de. MARTELOTTA, Mario Eduardo (orgs.) *Linguística Funcional: teoria e prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 11-20.

MOTTA-ROTH, D. E HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

NARROG, Heiko. (Inter)subjectification in the domain of modality and mood – concepts and cross-linguistic realities. In: DAVIDSE, Kristin; VANDELANOTTE, Lieven; CUYCKENS, Hubert (eds.). *Subjectification, intersubjectification and grammaticalisation*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010. p. 385-429.

NEVES, Maria Helena de Moura. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth A. SILVA, Camilo Rosa. HORA, Dermeval da. *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Ideia, 2004, p. 13-28.

_____. *Gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros*. São Paulo: Parábola, 2012.

_____. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Fátima. Modo e modalidade. In: MIRA MATEUS, Maria Helena; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 243-272. (Coleção Universitária – série Linguística).

PALMER, Frank Robert. *Mood and modality*. 2nd edn. New York: Cambridge University Press, 2001. (Cambridge Textbooks in Linguistics).

PEREIRA, Marli Hermenegilda. *Reanálise e gramaticalização de conectores: uma análise em tempo real*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2005.

SWALES, J. M. *Genre Analysis. English in academic and reseach settings*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 1-65.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Meaning-change in the development of grammatical markers. *Language Science* 2, 1980. p. 44-61.